

Revista: IstoÉ Platinum
Matéria: Os Novos Mecenas
Junho/Julho/2008
Repórter: Danielle Sanches

Os Novos Mecenas



Por Danielle Sanches

Por que milionários investem na construção de museus e quem são os maiores colecionadores do mundo

Herdeira da rede de supermercados WalMart, Alice Walton abandonou os negócios da família depois da morte do pai, Sam Walton, em 1992. Deixou de lado os números contábeis para se dedicar a uma de suas maiores paixões: o mundo das artes. Dona de uma fortuna estimada em US\$ 16,1 bilhões, figura conhecida entre os colecionadores, curadores e casas de leilões, a herdeira passou a comprar compulsivamente obras de artistas americanos. Em 2005, por exemplo, adquiriu o quadro Kindred Spirit, produzido em 1849 por Asher B. Durand. A pintura, que retrata a paisagem natural dos Estados Unidos, custou cerca de US\$ 35 milhões e, em breve, deixará, ao lado de outras dezenas de obras pertencentes à The Walton Family Foundation, as paredes de museus espalhados pelos Estados Unidos para ganhar uma casa própria. Alice anunciou a construção Crystal Bridges, museu que consumirá US\$ 50 milhões e será inaugurado em 2010, no Estado do Arkansas, onde o Wal-Mart abriu sua primeira loja, em 1951. Com quase mil metros quadrados, o Crystal Bridges é uma construção em vidro e madeira que preserva a luz natural dentro dos ambientes – todos interligados por pontes com vista para os lagos da propriedade. Com este projeto Alice carimba, na verdade, o passaporte de entrada no clube dos bilionários que possuem seus próprios museus. Nesse rol, encontram-se titãs do capitalismo como François Pinault, dono do grupo de luxo PPR; Bernard Arnault, dono do LVMH; João Rendeiro, presidente do Banco Português Privado; e Ronald Lauder, herdeiro da empresa de cosméticos Estée Lauder. São os mecenas dos tempos modernos.

A atividade remonta ao período da Roma Antiga, quando o nobre Caio Mecenas passou a patrocinar artistas da época. Sua iniciativa foi retomada séculos depois, durante o Renascimento, quando a burguesia bancou projetos de Leonardo da Vinci, Rafael e Michelangelo, por exemplo. “Mesmo sendo um mercado milenar, o investimento nas artes por parte dos nobres e ricos não mudou ao longo dos tempos”, afirma o consultor René Werner, especialista em family offices, área que administra grandes fortunas. Agora, no entanto, o mecenato dá indícios de viver seu auge moderno. Uma pesquisa da consultoria Capgemini em conjunto com o banco de investimentos Merrill Lynch, divulgada em 2007, mostrou que o investimento em arte ocupou a segunda posição na preferência dos ricos em 2006. Para René Werner, isso é reflexo de um mercado atemporal. “A arte é um ativo que não se desvaloriza com o tempo”, acredita.

Os motivos que impulsionam esses novos mecenas são os mesmos de outrora: status social, divulgação dos negócios, realização pessoal e, por que não, contrapartida de seus ganhos para a sociedade. Uma mistura de tudo isso é o que move François Pinault, presidente do grupo PPR, que comanda a Gucci, Yves Saint Laurent e a casa de leilões Christie's, entre outras marcas de luxo. Em 2005, Pinault adquiriu o Palazzo Grassi, construção histórica datada do século XVIII posicionada a beira do Grande Canal de Veneza, na Itália. O projeto era transformar o prédio em galeria para expor parte de suas duas mil peças. Reformado pelo cultuado arquiteto japonês Tadao Ando, o Palazzo reabriu ao público, em 2006, com exibição de obras do século XX de Mark Rothko, Bruce Nauman e Damien Hirst. A missão da galeria, aliás, é essa: mostrar, de tempos em tempos, parte do impressionante acervo do empresário, adquirido ao longo de 30 anos.

Além de estimular a arte, há, obviamente, outros interesses em jogo. “Estados Unidos e Europa dão

muitos incentivos fiscais para quem patrocina museus”, diz a leiloeira Soraia Cals. “Por isso a atividade do mecenato é mais comum lá do que aqui no Brasil, que ainda não evoluiu nesse aspecto.” Uma das cidades-sede do mundo das artes, Paris, foi escolhida por Bernrd Arnault para abrigar a Louis Vuitton Foundation for Creation. Com previsão de inauguração também para 2010, o prédio é assinado pelo badalado arquiteto Frank Gehry, que cuidou do Museu Guggenheim, na Espanha. Com seis mil metros quadrados, construído em vidro, o museu será erguido no parque Jardin d'Acclimatation. “A idéia é que o projeto arquitetônico crie uma relação com a cidade”, explica Yves Carcelle, presidente mundial da Louis Vuitton. Na fundação, além da exposição de obras relacionadas à marca, haverá espaço para pesquisa, livraria e café. “Queremos atrair o público jovem para a instituição, tornando a arte mais acessível para todos”, diz Carcelle.

Mas, afinal, qual é o retorno que esses investidores têm? Para Soraia Cals, o prêmio vai além do lucro. “Cada quadro tem uma personalidade e o prazer de conviver com isso é o retorno que o comprador terá”, acredita. Para o presidente do Banco Privado Português, João Oliveira Rendeiro, esse prazer é mais do que uma recompensa: tornou-se parte de seu trabalho. Em 2006, o colecionador abriu o Art Centre da Ellipse Foundation, dedicado às artes internacional e portuguesa contemporâneas. Além de exibir obras famosas, o centro financia artistas emergentes e tem intenção de promover intercâmbio cultural entre países. “Já estamos conversando com museus europeus para fechar parcerias”, diz Rendeiro. Localizado em um antigo galpão em Cascais, na região da Grande Lisboa, o museu foi reformado pelo arquiteto português Pedro Gadanho e oferece cursos educativos para a comunidade, além de atrair turistas interessados no circuito europeu das artes. Os museus também são criados por grandes empresários porque a exposição pública valoriza o acervo. “Além disso, existe a questão física: um museu é assegurado, tem vigias e climatização. É mais prático e seguro manter as obras ali”, acredita René Werner.

Herdeiro da empresa de cosméticos Estée Lauder, Ronald Lauder fundou, em 2001, a Neue Galerie. Localizada em Nova York, na conhecida, “Museu Mile” (algo como “quartirão dos museus”), a galeria foi montada num prédio de três andares construído em 1914. “É um edifício histórico renovado e seu interior tem a aparência de uma sala aconchegante. Muito do nosso sucesso vem disso”, acredita Scott Gutterman, vice-diretor no museu. Em 2006, Lauder causou frisson ao adquirir O Retrato de Adele Bloch-Bauer, quadro do artista austríaco Gustav Klimt, comprado em leilão por cerca de US\$ 135 milhões – na época, foi considerado o quadro mais caro do mundo. A obra é estrela do acervo permanente da casa, que tem 150 peças fixas e conta ainda com dois cafés, livraria e loja de souvenirs.

Seja qual for o interesse, esses novos mecenas são os que mais movimentam o mercado atual de leilões de obra de arte. O lucro, no entanto, não é visto rapidamente. “As melhores coleções de arte demoram gerações para serem montadas”, afirma René Werner. Para João Oliveira Rendeiro, o círculo de investidores é muito restrito exatamente pelo alto valor que as obras alcançam e pelo lento retorno. Mas não é só dinheiro que importa. “Depois do primeiro quadro que comprei, não parei mais. É um impulso difícil de explicar, é um interesse pessoal, um gosto que vai se aprimorando e se refinando com o passar do tempo.”